



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Edição Especial Temática: Universidades: desafios e perspectivas na contemporaneidade

Sinop, v. 7, n. 1 (18. ed.), p. 07-12, jan./maio 2016

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

APRESENTAÇÃO

PRODUTIVISMO VAZIO

Rosemary Roggero

Universidade Nove de Julho, São Paulo/SP - Brasil

Este número especial da **Revista Eventos Pedagógicos** da UNEMAT tem como tema 'Universidades: desafios e perspectivas na contemporaneidade'. Coordenado pelos Professores Doutores Ivanise Monfredini e José de Souza Neto, a ementa que provocou a reflexão dos articulistas foi:

A universidade, instituição secular, apresentou-se, em diferentes momentos históricos, com diferentes significados sociais, organização e modelos de atuação. Mas, existe um determinado consenso formado em torno da ideia de que cabe à Universidade produzir conhecimento relevante, que contribua com o desenvolvimento do país, e que beneficie a população. Em que pesem as críticas que, pelo menos desde a década de 1950, recaem sobre essa concepção (de que cabe às Universidades o papel de produzir ciência e tecnologia para o desenvolvimento), e das políticas que pretendem estimular outros setores à produção científica e tecnológica, ainda hoje, especialmente na América Latina, a Universidade é o principal locus de produção científica e tecnológica. Contraditoriamente a Universidade, principalmente latinoamericana, tem sido alvo de críticas no sentido de que aprofundem ainda mais o compromisso de produção científica em detrimento da função preponderante até então assumida que era a do ensino. Com base nessa crítica, políticas de financiamento impõem novos tempos e espaços para a pesquisa, a docência e a extensão universitárias. Diante do profundo processo de remodelação por que passam as universidades, a docência, por exemplo, perde crescentemente espaço para o produtivismo científico vazio.

Como as Universidades (a comunidade interna - alunos e professores - e a externa) têm enfrentado esses dilemas? Que práticas têm se institucionalizado? Quais as políticas de ensino superior, ciência e tecnologia que os governos têm estabelecido? Essas políticas indicam qual significado social para as Universidades?

Como se vê, a provocação dos coordenadores abrange um leque de temas complexos que envolvem a universidade latino-americana na própria dinâmica de constituição de sua identidade, em tempos que parecem reconfigurar as instituições

em geral e as de formação em particular – dê-se esta por meio do ensino, da extensão e/ou da pesquisa.

Quando se pensa na pesquisa, um dos temas mais discutidos no mundo acadêmico, em tempos recentes, tem sido a lógica perversa do que Monfredini e Souza Neto nomeiam como produtivismo vazio, fazendo coro com número expressivo de docentes e pesquisadores, sobretudo os das ciências humanas, que trabalham nesse nível de escolarização (é preciso lembrar-se de que também se trata disso: escolarização), mas cujas vozes ainda não têm se expressado em volume suficientemente alto para alterar os rumos das reformas na universidade, como uma das principais contradições na chamada sociedade do conhecimento.

Os espaços e tempos da formação têm sido cada vez mais afetados pela chamada Nova Gestão Pública, com valores e objetivos que apenas aproximam mais a instituição do espírito do capitalismo rentista contemporâneo, princípios e métodos que pouco dialogam com a lógica humanista da produção do conhecimento, além de uma caixa de ferramentas muito pragmáticas e focadas num tipo de eficiência que soa abstrato, sobretudo para docentes e pesquisadores da área das ciências humanas.

Nessa direção, uma leitura recente, mas impactante pela profundidade da reflexão e possibilidade de se observar a abrangência da problemática, foi a do capítulo do livro **Cegueira Moral**, de Zygmunt Bauman, em diálogo com Leônidas Donskis – **Universidade do Consumo: o novo senso de insignificância e a perda de critérios**, publicado pela Zahar, em 2014.

Donkis inicia o diálogo com um arrazoado sobre as condições da universidade europeia, em que afirma que “a questão de saber se a universidade vai sobreviver no século XXI como instituição clássica e identificável de educação e cultura não parece mais ingênua nem incorretamente formulada” (p. 163), e identifica o modelo de gestão adotado nas universidades da Ivy League e das grandes universidades da Califórnia, nos Estados Unidos – que nunca teve nada em comum com as estratégias de nenhum governo – se espalhando pela Europa e por outras partes do mundo, como política governamental imposta de cima, mesmo sem que as condições históricas e, sobretudo culturais, sejam as mesmas do local de origem. E com uma “lógica de realizações e resultados rápidos” em que não há tempo para o que sempre caracterizou a universidade: “pensamento deliberado, criatividade

paciente e existência equilibrada... agora forçada a se tornar uma organização capaz de reagir depressa às flutuações do mercado, assim como às mudanças de opinião pública e do ambiente político” (p. 164).

O autor exemplifica um elemento dramático da produção acadêmica, buscando identificar onde estão os problemas que parecem tender a esvaziar a atividade intelectual, no âmbito das reformas da educação superior de massas, numa sociedade de massas:

Houve um tempo em que tínhamos bons motivos para cultivar a expectativa de ser, digamos, um intelectual que sabia claramente que haveria um editor com um designer capaz de fornecer o layout do livro e um gerente capaz de montar uma estratégia inteligente para promovê-lo e vendê-lo. Por fim, mas não menos importante, tínhamos a expectativa de sermos pagos pelo nosso esforço, em vez de pagarmos ao editor pelo trabalho realizado em seu benefício.

Hoje, as coisas tendem a mudar, e de várias formas. Na maioria dos casos – embora, felizmente, não em todos eles –, temos de pagar, depois fornecer a cópia do livro pronta para o processo gráfico e também assumir a responsabilidade por uma boa estratégia de marketing. Faça você mesmo. Seja ao mesmo tempo estudioso, intelectual e gerente. Consiga o dinheiro para sua pesquisa, realize-a, publique uma monografia e depois tente bolar uma ação de relações públicas para promovê-la. Faça você mesmo. Faça de si mesmo o que desejar, e será um homem ou mulher que fez por si mesmo, por aclamação e omissão, e não por livre escolha. Não se trata mais do sonho do conde Giovanni Pico della Mirandola, de um indivíduo humano capaz de moldar a si mesmo. O paradoxo é que o indivíduo agora é moldado pela globalização e suas forças anônimas. (p. 159).

Além do exemplo, em que todos nós nos reconhecemos, gostaria de enfatizar sua última frase nessa citação: “O paradoxo é que o indivíduo agora é moldado pela globalização e suas forças anônimas.” – o que nos remete ao quanto tendemos a nos ver todos perdidos diante das exigências, padrões, métricas de produção, critérios e indicadores para avaliações de programas de graduação e pós-graduação e sua produção, teoricamente discutidos nos fóruns adequados, mas que parecem não resultar na consideração das ponderações. Em lugar disso, novas normas e fórmulas que as acompanham, cada vez mais draconianas, são “baixadas” e surpreendem acadêmicos que se espremem para dar conta delas.

Sobre isso, Donkis, entre uma série de ricas ponderações, avalia que “a modernidade busca controlar nossa memória e nossa linguagem”, por meio de um “totalitarismo tecnocrático” (p. 161), descrevendo a capitalização das universidades como “uma espécie de tirania tecnocrática e burocrática implementada em nome da liberdade e do progresso” (p. 165), o que torna as comunidades acadêmicas “uma zona de ambiguidade, obscuridade e insegurança”, em que “a mudança permanente

torna-se uma forma perfeita de controle social” (p. 167). Não há espaço para reações. Apenas a tendência a encontrar meios de atender às renovadas formas de regulação e supervisão e seus requisitos de produção.

Diante disso, Bauman (2014, p. 168) responde:

A ruína foi produzida por nossas próprias mãos, as mãos dos intelectuais, e com todo o fervor, inteligência e engenhosidade que poderíamos reunir. Nós fizemos fila e disputamos ingressos nos esquadrões de demolição. Somos todos cúmplices nesse feito, mesmo aqueles poucos de nós que sentiam vontade de protestar e nunca reuniram coragem e determinação para evitar o pior.

Ao longo de sua argumentação, Bauman menciona vários estudos de intelectuais que têm buscado compreender essas questões, na Europa, como o fenômeno do “professor corporativo”, analisado por Stuart Hall, em número de 2012 da *Hedgehog Review*, e a crítica de Henry Giroux, também publicada em 2012, sobre a mentira do livre mercado como sustentáculo da democracia e da liberdade humana, já entranhada na lógica dos rankings, do déficit educacional e da cultura do analfabetismo social e político; e critica a lógica da “flutuação” presente no “casamento forçado entre universidades, com seus olhos voltados para coisas eternas, e mercados e feiras, mascateando suas mercadorias em busca do lucro imediato” (p. 170).

Bauman também destaca, dentre os muitos elementos que, como de costume, traz para suas análises, o fato de que vê na atual crise da universidade, algo de muito mais profundo do que já aconteceu em qualquer outro momento de uma história de crises, quando se considera sua missão de educar: algo que afeta sua razão de ser.

Espera-se que a universidade prepare jovens para a vida num mundo que anula e esvazia a ideia de ser preparado para algo, já que tudo é voltado para o consumo e para uma obsolescência programada, numa vida agorista, sempre acelerada e agitada: “Na vida agorista do ávido consumidor de novas experiências, a razão para correr não é o impulso de adquirir e acumular, mas de descartar e substituir.” (p.173), em uma época, cujo “dilúvio de informação” congestionava os mercados de consumo, nos quais muita coisa produzida sequer chega a ser consumida – e, possivelmente, muito da produção acadêmica contemporânea

conheça esse fim, por não conseguir “encontrar ou evocar necessidade, vontade ou desejo para o qual se mostrem relevantes, tornando seu apelo convincente” (p. 174).

Evocar necessidade, vontade ou desejo tem estado entre as exigências que se colocam não apenas no nível didático da transmissão de informação, mas até mesmo em relação a currículos e programas, além de temas de pesquisa e metodologias de abordagem empíricas, desde a graduação, programas de iniciação científica, mestrados e doutorados.

As comunidades acadêmicas vão sendo substituídas por redes, e: “Ao contrário das comunidades, as redes são construídas de forma unilateral, e da mesma forma são remodeladas ou desfeitas, e baseiam sua persistência na vontade do indivíduo como único, embora volátil alicerce.” O indivíduo da rede sofre de uma insensibilidade moral induzida e manipulada em que a teia de vínculos humanos torna-se cada vez mais débil e frágil, assim como para o que está sendo feito com as coisas – “nem bom nem mau, nem aprovado nem condenado” – num processo de adiaforização moldado no padrão das relações consumidor mercadoria. (p. 179).

Nesse sentido, o autor também chama a atenção para a chamada geração Y – “espionada, detectada e registrada” – como aquela que nasce no mundo da internet e pratica comunicação digital em tempo real, vista como um marco na história da cultura, assim como a revolução microinformática é tida como um marco na história humana. Uma geração cujas perguntas são dirigidas aos autores anônimos da Wikipédia e aos amigos do Facebook, não aos pais, chefes e autoridades públicas, “dos quais não parecerem esperar respostas relevantes, muito menos legítimas, confiáveis e, portanto, dignas de atenção.” (p. 183). E vê essa geração apática quanto a empregos e empresas, como que mostrando uma convicção de que a vida está em outro lugar. E esse fator de uma possível “mudança da estrutura geracional” pode afetar a própria compreensão de classe social ou de como tem se dado a construção do precariado, como forma de sugar e incorporar mais membros das antigas classe média e trabalhadora ao espírito do capitalismo contemporâneo e suas práticas de gestão.

Assim, sem nenhuma chance de esgotar a própria descrição dos fenômenos envolvidos, podemos pensar que há múltiplos e complexos elementos na sociedade contemporânea que afetam as instituições – em especial, para nós, a universidade –

mas que precisam ser vistos e compreendidos criticamente, para alguma ação que parece cada vez mais necessária.

Nossa ação, como acadêmicos, tem sido a do pensar, mais ou menos criticamente, num movimento dialético de adesão e resistência, como os artigos deste número revelam. Como diria Adorno, produzimos um “pensamento não assegurado”. Não há certezas, mas um tempo de incertezas em que procuramos nos mover na zona de ambiguidade, obscuridade e insegurança a que se referem Donkis e Bauman.

Boa leitura. Boas reflexões. Sem ilusões.

Mogi das Cruzes, setembro de 2015.

Correspondência:

Rosemary Roggero. Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado e Doutorado (PPGE) e do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Editora da Revista Dialogia, São Paulo, São Paulo, Brasil E-mail: roseroggero@uol.com.br

Recebido em: 22 de fevereiro de 2016.

Aprovado em: 04 de março de 2016.